

# “POR TRÁS DAS CORTINAS”: MUSEALIZAÇÃO E GESTÃO DO ACERVO CERÂMICO DA COLEÇÃO DIDÁTICA EMÍLIA SNETHLAGE DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

*Bianca Cristina Ribeiro Vicente*

*Museu Paraense Emílio Goeldi. Museóloga, Mestre em Artes. Bolsista do Programa de Capacitação Institucional (PCI)-MCTI/CNPq. Coordenação de Museologia. Av. Magalhães Barata, 376, São Brás, Belém - PA, 66040-170. (91) 3211-1721. Email: biancacristinarv@gmail.com*

*Neuza Araújo Fontes Freire*

*Museu Paraense Emílio Goeldi. Bióloga, Doutora em Ciências. Bolsista do Programa de Capacitação Institucional (PCI)-MCTI/CNPq. Coordenação de Museologia. Av. Magalhães Barata, 376, São Brás, Belém - PA, 66040-170. (91) 3211-1721. Email: neuzaraujofontes@gmail.com*

*Rayana Alexandra Souza da Silva*

*Museu Paraense Emílio Goeldi. Museóloga, Mestre em Ciências do Patrimônio Cultural. Bolsista do Programa de Capacitação Institucional (PCI)-MCTI/CNPq. Coordenação de Museologia. Av. Magalhães Barata, 376, São Brás, Belém - PA, 66040-170. (91) 3211-1721. Email: rayanaalexandra02@gmail.com*

(Recebido em: 15/09/2023 \* Aprovado em: 09/11/2023)

**RESUMO:** O foco deste artigo é a gestão de acervos e tem como objetivo analisar o processo de musealização das peças cerâmicas da Coleção didática Emília Snethlage, do Museu Paraense Emílio Goeldi, a partir da avaliação e consolidação das práticas de gestão de acervos, implementadas em uma coleção que tem como função primordial o apoio a ações de comunicação científica e outras finalidades educacionais. A pesquisa utiliza a metodologia de pesquisa-ação, envolvendo o levantamento bibliográfico sobre musealização e sobre coleções didáticas, visando melhorar as práticas de gestão museológica do acervo estudado. A partir disso, a pesquisa destaca a importância de ações museológicas como práticas de documentação, conservação, bem como possibilidades de parcerias, por exemplo, a realizada para restauração das peças danificadas do acervo de cerâmicas. O texto ressalta ainda as especificidades de uma coleção didática e como sua utilidade interfere diretamente no processo de musealização e conseqüentemente na gestão desta tipologia de acervo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Coleção Didática. Gestão de Acervos. Musealização. Pesquisa-ação.

**“BEHIND THE CURTAINS”: MUSEALIZATION AND MANAGEMENT OF THE CERAMIC COLLECTION OF THE EMÍLIA SNETHLAGE DIDACTIC COLLECTION OF MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**

*ABSTRACT: The focus of this article is collection management and aims to analyze the musealization process of ceramic pieces from the Emília Snethlage Didactic Collection, from the Museu Paraense Emílio Goeldi, based on the evaluation and consolidation of collection management practices, implemented in a collection whose primary function is to support scientific communication actions and other educational purposes. The research uses the action research methodology, involving a bibliographic survey on musealization and educational collections, aiming to improve museum management practices of the collection studied. From this, the research highlights the importance of museum actions such as documentation practices, conservation, as well as possibilities for partnerships, for example, the one carried out to restore damaged pieces from the ceramic collection. The text also highlights the specificities of a didactic collection and how its usefulness directly interferes in the musealization process and consequently in the management of this type of collection.*

*KEYWORDS: Didactic Collection. Collections Management. Musealization. Action Research.*

\*

**“POR TRÁS DAS CORTINAS”: MUSEALIZAÇÃO E GESTÃO DO ACERVO CERÂMICO DA COLEÇÃO DIDÁTICA EMÍLIA SNETHLAGE DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**

**Introdução**

O museu enquanto instituição e organização que envolve recursos humanos e financeiros, demanda procedimentos que estabeleçam políticas para apoiar a sua missão e oriente na tomada de decisões. No cenário institucionalizado a gestão museológica serve a tal propósito, perpassando por várias instâncias que se diferem em um caráter administrativo e cultural. Administrativamente vincula-se às questões financeiras, estratégicas, de recursos humanos e de segurança. Já as culturais estão entrelaçadas com a salvaguarda das coleções e sua comunicação (AUGUSTIN, 2017. p.12). Neste trabalho refletiremos, mais especificamente, sobre o aspecto cultural.

Posto isso, para o desenvolvimento deste artigo abordaremos especificamente os aspectos concernentes à gestão de acervos enquanto um sistema que engloba as atividades de registro, manutenção e organização, visando a responsabilidade acerca dos bens culturais.

Entende-se assim que a gestão de acervos é um dos ramos mais fundamentais para a existência sadia das coleções e a manutenção do padrão de qualidade pretendido pela instituição, pois é a ela que cabem todas as práticas cotidianas que estejam atreladas à missão institucional e à finalidade do acervo (AUGUSTIN, 2017).

A gestão de acervos em cada museu apresentará demandas e perspectivas diferentes. Entretanto, neste artigo apresentaremos não apenas uma tipologia diferente de acervo, mas um acervo com finalidade diferenciada do que se entende por museália, ou objetos de museus, trata-se de uma coleção didática. Procuraremos discutir a partir da Coleção Didática Emília Snethlage (CDES), do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), localizado na cidade de Belém, estado do Pará, como as especificidades de finalidade podem afetar determinadas abordagens empregadas pelas metodologias propostas para elaboração de políticas de gestão de acervos.

Considerando a necessidade de aprofundamento da análise para além de diretrizes e documentos, mas sim adentrando as práticas de musealização e gestão de um acervo didático, optou-se por restringir o objeto de pesquisa. Uma vez que a CDES atualmente possui mais de 3.000 (três mil) bens registrados, divididos nas quatro grandes áreas de pesquisa do Museu Goeldi: Zoologia, Botânica, Geociências e Antropologia, esta última contendo artefatos indígenas e de cultura popular, incluindo peças cerâmicas, fizemos então um recorte da coleção, dando destaque ao acervo cerâmico, que até o momento do desenvolvimento deste artigo, é a tipologia que encontra-se em estágio mais avançado de organização. Portanto, o acervo cerâmico é utilizado como protótipo no fortalecimento de práticas de gestão museológica dentro da CDES.

Assim, o artigo tem como objetivo analisar o processo de musealização das peças cerâmicas da Coleção didática Emília Snethlage do Museu Paraense Emílio Goeldi, a partir da avaliação e consolidação das práticas de gestão de acervos, implementadas em uma coleção que tem como função primordial o apoio a ações de comunicação científica e outras finalidades educacionais. Sendo assim, o trabalho inicia com a apresentação da metodologia utilizada na pesquisa, posteriormente discute acerca da musealização e gestão de acervos em uma coleção didática, e analisa os procedimentos e instrumentos aplicados ao acervo de cerâmica, bem como as ações de musealização implantadas e sugeridas para aprimorar as práticas educativas e de gestão de acervos no dia a dia.

## **Metodologia**

A pesquisa foi desenvolvida no Museu Paraense Emílio Goeldi, situado no Parque Zoobotânico, tendo como lócus a Coleção Didática Emília Snethlage e o objeto de pesquisa foi o acervo de cerâmicas que atualmente é composto por 54 peças. Para a realização do estudo, o método utilizado foi o de pesquisa-ação, haja vista ser uma investigação pautada em teoria e ações visando a melhoria de práticas, feita de forma coletiva, dentro do contexto institucional e também comunitário. Tripp (2005, p. 447) defende a pesquisa-ação como “uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”, diferencia a mesma de qualquer investigação-ação por sua característica de mudar a situação problema apresentada ao mesmo tempo que encontra as limitações éticas da realidade prática.

Iniciou-se a pesquisa com o levantamento bibliográfico acerca da musealização, coleções didáticas e cerâmica, realizando o aprofundamento teórico sobre os temas. Ao mesmo tempo, através das ações práticas dentro da coleção, os levantamentos iniciais do acervo, bem como as ações de documentação e conservação iniciaram de forma incipiente, ao mesmo tempo em que uma política de aquisição de acervos foi pensada. A partir de parceria com o setor de Arqueologia do Museu Goeldi foi realizada, através do restauro, a melhoria do estado de conservação de peças que apresentavam danos. Tendo como base a pesquisa-ação, os métodos práticos utilizados foram gradualmente aprimorados e propostas futuras fortalecidas.

### ***Musealia e coleções didáticas: diálogos e contrastes***

Berta Ribeiro (1988, p.30) define cerâmica como a “arte de confeccionar artefatos com argila submetidos à combustão a alta temperatura”. Essa arte está presente em diferentes culturas ao longo do tempo e conhecidas em vários países. Estes são artefatos que na região norte do Brasil estão vinculados principalmente aos povos indígenas e à cultura tradicional das olarias, especialmente ribeirinhas. A cerâmica é um material que compõe diversos tipos de artefatos e culturalmente é utilizada em peças que integram diferentes aspectos da vida humana, desde utensílios domésticos até o cerimonial funerário. Para melhor analisar a musealização destas peças e gestão de acervos faremos uma breve apresentação de conceitos concernentes a esses aspectos.

Dentro de coleções museológicas, essas peças são abordadas a partir de um *status* diferente considerando sua musealidade observada a partir de quem realiza sua aquisição a essas instituições. A esses objetos que adentram o rol de conjuntos materiais que integram as coleções dos museus chama-se *musealia*, ou seja, objeto de museu (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013). Esses objetos ganham o lugar de testemunha a partir das informações que podem conter fisicamente, as informações intrínsecas; e aquelas extraídas a partir de pesquisas e outras formas que estão além de sua materialidade, as informações extrínsecas (ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS AMIGOS DO MUSEU CASA DE PORTINARI, 2010). Nesse novo lugar, as peças cerâmicas são classificadas, estudadas, acondicionadas e expostas a partir de critérios que vão além de seu uso ou significado anterior à musealização.

Pomian (1984) definiu como *semióforos* os objetos que perdem sua utilidade, como os objetos de museu, tendo seu valor pelo significado implícito, representando o invisível, não sendo então manipulados, mas expostos ao olhar, evitando seu desgaste. Tal explicação é feita em paralelo com a definição de coisas, objetos úteis, que no caso, não integrariam coleções museológicas. Entretanto, podemos observar diferentes possibilidades para o objeto de museu. Se genericamente é possível afirmar que ao se tornar *musealia* o objeto perde seu valor anterior e passa a receber cuidados que o afastam do toque e de experiências não controladas por profissionais da área, também podemos falar de outro tipo de objeto de museu, aquele que permite esse contato mais direto com o público. Estes são os objetos de coleções didáticas, coleções feitas especialmente voltadas ao público e sua experiência com o acervo e com os conhecimentos relacionados ao museu que as abriga, estando seu valor simbólico e seu valor de uso diretamente relacionados.

Ainda há uma linha tênue entre entender o que deve ser parte de uma coleção científica e o que pode pertencer a uma coleção didática. Porém, sendo uma prática mais comum de existência de coleções didáticas em museus de história natural, é possível utilizar seus critérios, segundo Lima e Carvalho (2020, p. 6), que entendem que:

Se o espécime possuir valor científico (foi coletado respeitando a metodologia científica, fornecendo informações suficientes), provavelmente será enviado para as coleções de pesquisa. Caso contrário, a falta de informação torna o exemplar apenas viável para uso em aula quando tiver boa estética, provavelmente irá para a exposição (Tradução nossa).

Essa diferenciação entre coleções é crucial, pois em uma coleção didática há a finalidade de servir a propósitos educativos, e mesmo expositivos, utilizando um método de acesso à informação diferente daqueles propostos pelas coleções científicas. Na coleção didática, em geral, a utilização das peças é feita de forma direta, não apenas intermediada, ou seja, há o toque, a percepção de texturas, formatos, relevos, isto é, a interação física, para além do visual e das informações mediadas. Dessa forma, o acervo atua como um objeto mediador, ou seja, um facilitador na integração de uma proposta expositiva e o público, uma vez que este público, com suas experiências individuais de mundo, ao interagir com o acervo, pode multiplicar seus significados, promovendo a assimilação e/ou ressignificação do conhecimento (FERREIRA, 2014). No entanto, para além do toque, entende-se também que a saída desses objetos da instituição para participar de eventos educativos, feiras de ciência, viagens para seminários e mostras institucionais, assim como ser levada por professores, e outros responsáveis de uma escola para empréstimos pressupõe um risco à conservação das peças. Sendo assim, a ideia da perda e dano está sempre presente, ainda que sejam priorizadas as maneiras possíveis de preservação.

Essas coleções contribuem para os museus desenvolverem seus serviços educativos que são parte da educação não-formal. Esse tipo de educação reúne “um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais” (GOHN, 2015, p.16). Assim, os serviços de educação presente em instituições museais parte deste pressuposto de estar vinculado a tal conceito. Não busca ser uma formação regular, curricular ou restrita a regras escolares, ao contrário, parte de uma perspectiva de complementação de outros aprendizados, sendo feita através de experiências e vivências a partir dos acervos presentes no museu, através da *musealia* e seus desdobramentos.

É necessário ressaltar que a educação não-formal não assume o papel da escola, que cumpre sua função da educação formal por excelência, entretanto, não pode ser considerada apenas como ações de menor importância. Educação formal e não-formal podem trabalhar de maneira conjunta, atuando de forma complementar,

via programações específicas, articulando escola e comunidade educativa localizada no território de entorno da escola; ou mesmo dentro da própria escola, articulando saberes curriculares normalizados e atividades extraclases, usualmente vistas como complementares na formação do educando (GOHN, 2015, p.19).

Foi no atendimento ao público e na observação das necessidades de professores e alunos do 1º e 2º graus das escolas de Belém que a coleção didática do Museu Goeldi surgiu. Buscando aproximar professores e alunos dos conhecimentos sobre plantas, animais e outros acervos científicos do Museu Goeldi. Criada pela então servidora, Filomena Secco, a partir de 1985-1987, e integrando o projeto “Educação em Ciências” (SECCO, 1991, p.53), o acervo teve inicialmente ênfase na coleção de Zoologia, porém, atualmente integra quatro grandes áreas de pesquisa do Museu Goeldi: Antropologia, Botânica, Geociências e Zoologia. A parte de Antropologia contém artefatos indígenas e de cultura popular, incluindo peças cerâmicas em ambas as coleções, sendo, inclusive, considerada uma categoria específica pela gestora anterior. Encontra-se nessa coleção um acervo diverso, de caráter recente e pré-cabralino, retratando diferentes formas de utilização e de conhecimento acerca da arte cerâmica e dos seus usos na região.

A coleção de peças cerâmicas tem sido trabalhada a partir do processo de musealização realizando desde a melhoria das condições de guarda até seu momento de extroversão através de ações educativas internas e externas do Museu. A musealização é um processo que engloba as etapas de aquisição, documentação, conservação, pesquisa e comunicação (CURY, 1999). Para além de suas medidas técnicas, a musealização propõe uma mudança de sentido, de *status*, sendo então definida como “a operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal” (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013, p.57).

Dentro de uma coleção didática, a qual é voltada para uso em contexto diferente das coleções científicas, esse processo ocorre de forma semelhante, porém, entendemos que a musealização desses objetos engloba os aspectos característicos dessa tipologia de acervo, fazendo com que as etapas sejam diretamente vinculadas ao uso didático, tendo como principal culminância a extroversão através de ações educativas. Além disso, conforme citado anteriormente, sua conservação deve ser caracterizada por um elemento especial que o diferencia da conservação de outros tipos de acervo, esta deve ser uma conservação para o uso didático<sup>1</sup>. Entendemos que objetos de uma coleção didática são muito mais suscetíveis à

---

<sup>1</sup> Este conceito está sendo elaborado dentro da pesquisa da qual o presente artigo é resultado e será melhor apresentado em outro artigo a ser publicado.

perda, mas que isto deve ser amenizado através da conservação preventiva, sem interferir em seu uso.

No caso da CDES, a comunicação é feita principalmente através de empréstimos para escolas, feiras de ciências e ações do Serviço de Educação do Museu Goeldi. Porém, para além das ações de educação, há todo o processo que envolve as demais etapas de musealização e gestão museológica. Sendo assim, cada uma delas vêm a ser analisada através deste trabalho desenvolvido no contexto de pesquisas realizadas no âmbito do Programa de Capacitação Institucional (PCI) na Coordenação de Museologia do MPEG.

Logo, o acervo de cerâmicas apresenta grande potencial de uso para ações educativas. Sendo possível criar discussões que abordam desde temáticas culturais como os povos indígenas com as bonecas Karajá, os artefatos arqueológicos com as réplicas de urnas Maracá, ou mesmo aspectos técnicos de manufaturas das peças, encontrando diferentes modelos de panelas, jarras, urnas e variados tipos de réplicas. E foi neste acervo que as ações de pesquisa em seu processo de musealização e gestão museológica se iniciaram.

### **Gerir e mediar: a gestão do acervo dentro de um universo museológico complexo de uma coleção didática**

Gestão nunca é um processo simples; buscar gerir algo é gerenciar através de planejamento e ações que levem ao crescimento, à melhoria de uma empresa ou projeto. Assim, a gestão tem objetivo de beneficiar, e não causar mais danos, por isso precisa ser realizada com responsabilidade e competência em qualquer situação, o que não é diferente para o caso da gestão de museus. Cândido (2014, p.121) discorre em sua análise que:

[...] gerir um museu está associado a manter sua credibilidade junto ao público, o que significa que gerir também envolve conhecimentos e procedimentos museológicos que garantam bom desenvolvimento da missão do museu, não apenas uma boa gestão financeira e de pessoal.

Entretanto, neste artigo o aspecto a ser analisado é a gestão de acervos, em específico o da Coleção Didática Emília Snethlage. O Museu Goeldi atua através de seu Plano Diretor, que atualmente está em processo de revisão, e este possui diretrizes específicas para suas coleções correspondentes aos Planos e Programas previstos para a devida gestão museológica, bem como documentos de regulamentação das salvaguardas dos acervos. Todavia, enquanto os acervos científicos da instituição possuem normas específicas geradas para sua ampliação e



manutenção (Normais gerais de uso e gerenciamento de acervos científicos do Museu Paraense Emílio Goeldi, 1999), a Coleção Didática Emília Snethlage, criada na década de 80 é citada no Regimento Interno mais atual (2022) do Museu Goeldi somente da seguinte forma:

Art. 23. Ao Serviço de Educação compete:  
IV - manter e dinamizar a Coleção Didática Emília Snethlage e a Biblioteca de Ciências Clara Maria Galvão [...]

Todavia, não há nenhuma orientação quanto a sua manutenção e/ou dinamização da mesma, sendo necessário portanto a criação de um plano de gestão com diretrizes de uso e gerenciamento, adequado para a finalidade da referida coleção didática que, conforme já citado, possui diversas especificidades em relação às demais coleções. Um exemplo disso é a característica do acervo da CDES ser emprestado para escolas e outras instituições. Para tal torna-se necessário a criação de protocolos de empréstimo e manuseio de acervos. Considerando a importância de um documento desta natureza, embasamo-nos em, Augustin e Barbosa (2018, p. 135) para refletir a cerca do tema:

O documento que planeja e organiza a gestão de acervos nos museus é chamado de política de gestão de acervos e engloba de forma geral temas como a aquisição, a documentação, a conservação, o empréstimo e a alienação dos bens culturais musealizados, dentre outros, objetivando apresentar diretrizes de ação para a equipe do museu. O documento diferencia-se do plano museológico, configurando-se como um anexo desse. Apresenta rotinas e orientações, não diagnósticos, metas, planos e cronogramas, como o plano museológico.

Tal documento está em processo de ser elaborado, após um período de pesquisa-ação da equipe junto à coleção, o que proporcionou a possibilidade da realização de diagnóstico, porém, sendo este feito de maneira concomitante à resposta das demandas que já se faziam presentes. Tal documento servirá assim como suporte ao plano museológico para englobar a coleção didática de maneira efetiva, pois o diagnóstico museológico e as políticas de gestão de acervo devem estar diretamente ligados a esse plano (CÂNDIDO, 2014, p.121).

Quanto à gestão de acervos, Kaye (1995) defende que usualmente gestores de organizações utilizam de fontes pessoais para auxiliarem na sua gestão. Ainda neste sentido, Pacheco e Valentim (2010) acrescentam que, além da informação em si, a consulta a outra pessoa possibilita também aconselhamentos, incentivos, apoios e auxílio na existência de

opções a escolher. No entanto, isso não desmerece as informações impessoais, as quais também podem esclarecer as dúvidas do indivíduo e auxiliá-lo a resolver a demanda organizacional sem depender do contato com outro indivíduo. Isto se torna mais relevante em um contexto de troca de gestor, onde a ausência de uma política de gestão pode comprometer assim toda a gestão futura do acervo em questão. Este fato ocorreu na CDES, onde a gestora e, posteriormente, toda sua equipe foi substituída no período de 2019-2020, ficando a nova equipe responsável pela gestão da CDES desassistida dessa troca de informações relevantes à gestão do referido acervo.

Dessa forma, este trabalho parte do princípio de que a política de gestão de acervos tem por objetivo ser fonte de informação ativa na instituição, sendo efetivamente utilizada por seus funcionários, servindo de apoio à tomada de decisões. Por serem fontes primárias, impessoais, formais e internas, as políticas se constituem como documentos confiáveis aos indivíduos, especialmente àqueles que não possuem familiaridade com a coleção. Dessa forma, são relevantes à elaboração de protocolos de procedimentos referentes a esses processos e à execução de tais processos, devendo ser geridas para que sejam disseminadas aos indivíduos que delas necessitem no futuro.

A elaboração desta política de gestão de acervos para a CDES ainda está em processo, tendo sido materializados certos protocolos e regulamentações, como a política de aquisição, com vários documentos conjuntamente criados para este fim, assim como a de documentação museológica. Futuramente a ser implementada, uma política da gestão de acervo da coleção didática deverá ser aplicada de acordo com as diretrizes a serem previstas pelo plano museológico da instituição. Por enquanto, apresentaremos e analisaremos os trabalhos de gestão e o processo de musealização até então realizados na coleção a partir do recorte proposto.

### **Modelando um acervo de barro: a cerâmica, os processos de conservação e documentação museológica**

Prateleiras arrumadas e limpas, peças devidamente acondicionadas, documentação completa e atualizada, tudo isso é previsto em manuais e literatura especializada da área de museologia e aquelas relacionadas à manutenção e gestão de acervo. Entretanto, como qualquer profissional deve reconhecer, a teoria e a prática nem sempre costumam andar juntas. E pode-se reconhecer essa dificuldade em grande parte dos museus, pois, apesar de

almejar o completo controle sobre toda a situação mantendo os parâmetros indicados, entende-se que:

Trata-se, contudo, de uma situação ideal que nem sempre encontra correspondência na realidade dos museus, designadamente aqueles cujo percurso histórico conheceu a inclusão de muitos achados ocasionais nas coleções, ou ainda provenientes de recolhas antigas em que não se procedeu à documentação do contexto das mesmas (CRUZ, CORREIA, 2007, p.15).

Constata-se que as dificuldades de encontrar uma coleção dentro dos padrões ideais é recorrente e a Coleção Didática Emília Snethlage não é uma exceção. A coleção, na qual consta mais de três mil exemplares distribuídos em diferentes áreas de conhecimento, teve ao longo do tempo diversas aquisições feitas de diferentes formas, desde doações à compra e, com a equipe de trabalho reduzida, as políticas institucionais e diversos outros fatores externos à causar impacto na gestão da coleção a situação se tornou desordenada.

Dentro deste contexto, o trabalho de pesquisa-ação que vem sendo realizado ao longo dos últimos anos atua na intenção de aprimorar e valorizar a coleção através, principalmente, dos processos internos relacionados à musealização e gestão deste acervo. E quando se trata de coleção, a ação dos bastidores, ou seja, nas reservas técnicas e seus espaços adjacentes, é cotidiana e arduamente executada, mas pouco conhecida do público. Por isso, aqui analisa-se mais especificamente a aquisição, conservação, documentação e pesquisa das peças cerâmicas, feitas sempre objetivando a finalidade da coleção que é seu uso em ações educativas.

Devido a um período que esteve sem curadoria, após a aposentadoria da servidora responsável, e também aos entraves causados pela pandemia (2019-2020), a coleção esteve fechada e seu acervo sem receber adequadamente o tratamento de organização, limpeza e todos os demais necessários para uma boa conservação. Por conta de uma fumigação realizada neste período e a necessidade de proteger o acervo, este foi amplamente movimentado dentro das salas para ser completamente coberto, o que levou a uma desorganização maior do que a anterior.

Primeiramente houve a necessidade de realizar a higienização dessas peças. Considerando a tipologia de acervo e os materiais disponíveis, foram aplicadas ações de higienização mecânica com uso de pincéis e aspirador de pó de menor porte na maioria das peças (figura 1). Em alguns casos, foi aplicado o uso de água destilada para melhor remoção de sujidades incrustadas na peça e mesmo o uso de álcool 70% em objetos que permitiam tal

intervenção. Ao utilizar líquidos durante a limpeza, sempre é realizado o teste de reação em uma pequena porção, de preferência em uma parte pouco visível do objeto, antes de utilizá-lo no todo.

**Figura 1-Equipe realizando higienização mecânica em urna cerâmica.**



Fonte: Acervo das autoras, 2021.

Após a higienização prepara-se a adequada armazenagem dessas peças. Partiu-se do princípio de que “a boa armazenagem deve ser acessível, permitir a movimentação fácil dos artefatos e ser segura para objetos e pessoas” (BACHMANN, RUSHFIELD, 2011, p.88). Sendo assim, considerando estarem dispostas sobre prateleiras abertas, é necessário o uso de materiais isolantes entre a peça e a prateleira, além de acondicionar de forma a prevenir danos mecânicos decorrentes de vibração ou manuseio (figura 2).

Logo, foram elaborados moldes em polietileno, material indicado por autores como Caple (2011), The Museums Association (1986), Tétreault (2011) e outros. A escolha do material atendeu ao que se indica pela literatura especializada, pois entende-se que atualmente há apenas um pequeno grupo de materiais com propriedades adequadas para esse tipo de uso, que são “aço inoxidável, vidro e cerâmica, tecido de linho e algodão limpos, não branqueados e sem acabamento, papel isento de ácido e papel de seda (sem tampão alcalino), polietileno, polipropileno, poliéster, poliestireno, acrilatos e policarbonatos.” (TÍMAR-BALÁZSY, EASTOP, 2011, p.167).

Figura 2 - Peças acondicionadas em moldes individuais de polietileno e armazenadas em prateleiras abertas de aço inoxidável.



Fonte: Acervo das autoras, 2023.

Com relação a documentação, o primeiro momento foi a tentativa de um inventário de todas as peças do acervo, pois até então não havia disponível os dados da documentação reunida pela gestão anterior. Por isso, procedemos com o inventário, parte imprescindível para iniciar o conhecimento do acervo, definido por Camargo-Moro (1986, p. 41) como “o levantamento individualizado e completo dos bens relativos a uma instituição ou pessoa, abrangendo registro, identificação e classificação”. Todavia, com o acervo em desordem, a dificuldade em prosseguir com o inventário foi constatada. Mas, como no processo de musealização as etapas não são feitas de maneira isolada, ao realizarmos essa fase embrionária da documentação, também era iniciada a organização e a higienização de algumas peças, ao mesmo tempo que foi verificada a necessidade da criação de um protocolo de aquisição de acervo. Em relação à organização, todas as peças de cerâmica foram reunidas em um mesmo espaço da sala, pois, anteriormente, estavam distribuídas de forma esparsa, inclusive em diferentes salas. A reunião das peças permitiu a realização do levantamento de todas elas mais rapidamente.

Após certo tempo, foram encontrados os livros de registro da gestão anterior. Encontrar tal documentação foi fundamental para compreender e conhecer algumas informações importantes. Não há como suprimir a necessidade de uma boa documentação

em relação ao acervo museológico, isso porque “os museus não se atêm aos objetos somente pelo seu potencial direto, mas devem preocupar-se profundamente com a informação associada que recebem, aumentam e difundem, dando ao objeto uma visão interdisciplinar, proporcionando-lhe um universo maior.” (CAMARGO-MORO, 1986, p.42). E dentro de um acervo didático, essas informações auxiliam na elaboração de materiais didáticos, atividades educativas e outros desdobramentos para a educação patrimonial. Neste sentido, uma política de aquisição se faz primordial para a compreensão de que itens são interessantes à essa coleção de acordo com seus objetivos. Diferente de uma mentalidade anterior sobre coleções didáticas abrigarem os acervos sem informação ou que perderam o *status* para estar em uma coleção científica.

Este tipo de documento já se fez necessário, pois sendo uma coleção em crescimento, há constantemente possibilidade de chegada de novos itens. Com isso foi criado um documento onde ficam estabelecidos orientações a respeito dos critérios de avaliação, formas de aquisição, ações exequíveis e ações proibidas, entre outros. E, no período desta pesquisa ocorreu a doação de 22 peças de cerâmica provenientes de uma exposição. A temática, as condições de conservação, a idoneidade da procedência e diferentes questões puderam ser analisadas antes de sua aquisição e a documentação dessas peças puderam ser devidamente preenchidas a partir das novas práticas que estão sendo implementadas.

Com relação a documentação, ao encontrarmos os livros de registro, acessamos algumas informações, porém também constatamos algumas situações complexas. O acervo era separado em muitas sub-categorias, resultando em doze livros sendo cada um referente a uma classificação e tendo formatação de números de registro diferenciados. E dentre os livros relacionados ao acervo de Antropologia foram encontrados três: Artefatos indígenas, Cultura Popular e Cerâmica. Sendo assim, constatou-se que a cerâmica era tida como uma das subcategorias implantadas pela gestora anterior. Entretanto, ao analisar o acervo, entende-se que há peças em cerâmica que são de origem indígena, ou relacionadas à cultura popular, ou são réplicas de peças arqueológicas; além de algumas necessitando de melhor análise por não poder ainda ser classificada, haja vista o desconhecimento de sua origem.

Para melhor orientação e seguindo preceitos museológicos, optou-se por realizar uma nova documentação que unisse os materiais, subdividindo-os apenas entre as quatro grandes áreas. A numeração para registro é composta pela sigla da coleção, sendo então CDES, seguida pelo número romano correspondente à área que foram numeradas de acordo com a ordem

alfabética: I- Antropologia; II- Botânica; III- Geociências e IV- Zoologia. Por enquanto, as peças cerâmicas são registradas entre os números CDES.I.0001 ao CDES.I.0054. Para preenchimento das fichas foram consultados diferentes materiais, especialmente o Dicionário de Artesanato Indígena de Berta Ribeiro (1988), o Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil do Museu do Índio da Funai (2006), o livro de Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia organizado por Barreto, Lima e Betancourt (2016), dentre outras fontes como textos e dossiês do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional e de museus e catálogos museológicos. Espera-se com esse extenso trabalho de pesquisa construir não apenas uma boa documentação, mas também ter a base necessária para a elaboração de materiais didáticos de qualidade vinculados ao acervo.

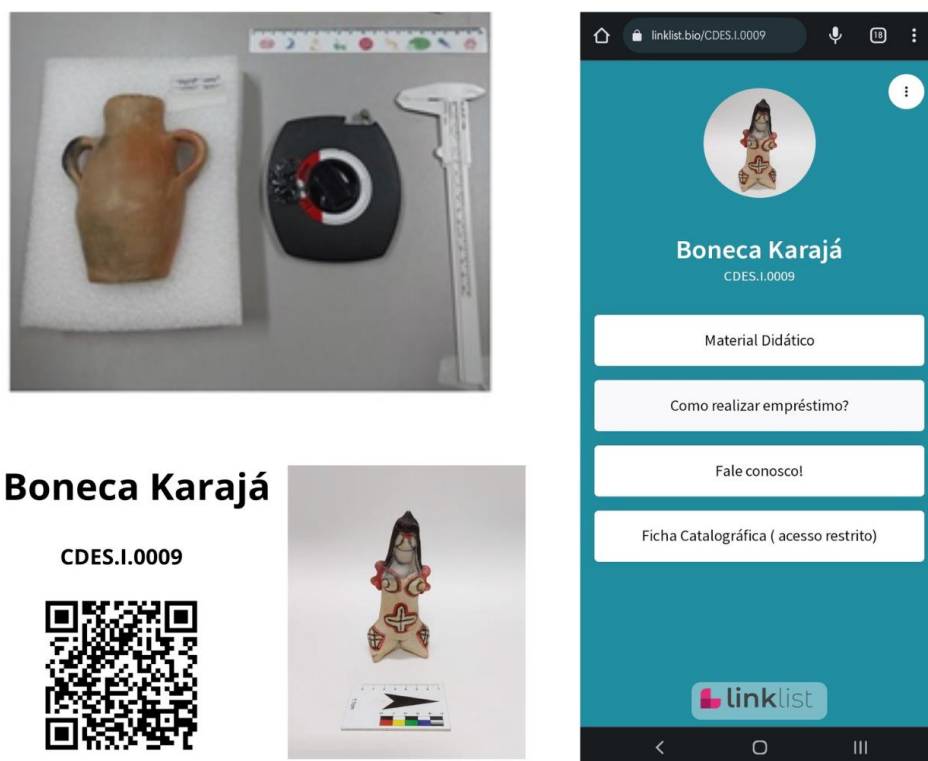
O processo de documentação foi feito então na sequência: inventário e preenchimento de ficha catalográfica, onde constam itens de identificação individual. Para preenchimento e armazenagem das fichas foi criada uma nuvem digital com acesso apenas pela equipe. A partir disso, o preenchimento iniciava com a consulta ao livro de registro encontrado e alimentava a base de dados com as informações contidas nele, quando existentes.

A ficha era então complementada com os subsídios obtidos de forma intrínseca e extrínseca dos objetos. A fotografia, bem como a verificação das dimensões também foram feitas de forma a integrar o documento, garantindo maior segurança na identificação dos itens e facilidade de acesso, assim como realizar o acompanhamento da conservação do acervo, uma vez que entendemos que um acervo didático está suscetível ao desgaste pelo uso. Além disso, visando a facilidade de acesso a informações do bem cultural, está sendo previsto o uso de QR code<sup>2</sup> a ser apresentado junto com a peça em uma etiqueta. As informações que serão acessadas a partir deste código são: Material educativo específico para o item, formas de empréstimo, contatos da coleção e, de forma restrita somente a equipe da CDES, a ficha catalográfica, conforme apresentado no exemplo da figura 3.

---

<sup>2</sup> Este sistema utilizando os QR codes ainda está em processo de teste, tendo sido utilizado em eventos e mostras didáticas e, até o momento, obteve uma boa receptividade.

Figura 3 - Da esquerda para direita: peça cerâmica acondicionada e materiais utilizados para realizar o levantamento de dados para o inventário; etiqueta contendo o nome da peça, sua numeração de registro, um QR code e a fotografia correspondente a peça; e a na internet para a qual o qr code direciona após seu escaneamento, nesta é possível acessar: informações como materiais didáticos e/ou informativo sobre o acervo, um PDF com os procedimentos de empréstimo, os contatos da CDES e a ficha catalográfica de acesso restrito a equipe.



Fonte: Acervo das autoras, 2023.

Após um diagnóstico de conservação do acervo, muitas peças já não apresentavam condições de uso por danos mecânicos que haviam sofrido. Este tipo de dano, tido como um dos agentes de risco listados na Cartilha de gestão de riscos do Instituto Brasileiro de Museus (2013), deve ser prevenido. No entanto, em consequência do seu uso, sabe-se que tais peças estão suscetíveis a desgastes e quebras durante seu manuseio.

Neste sentido, torna-se oportuno parcerias com outros setores, a exemplo a Reserva Técnica Mário Ferreira Simões (RTMS) do MPEG, no qual foram realizados procedimentos de restauro de peças cerâmicas da CDES. Tal parceria teve como resultado uma formação promovida pela equipe da RTMS, no qual a equipe da CDES foi instruída a realizar técnicas de restauro de cerâmica (figura 4), tendo realizado o restauro de 7 peças, possibilitando assim que as mesmas pudessem ser novamente utilizadas nas ações educativas realizadas pela CDES e disponibilizadas para empréstimos futuro.



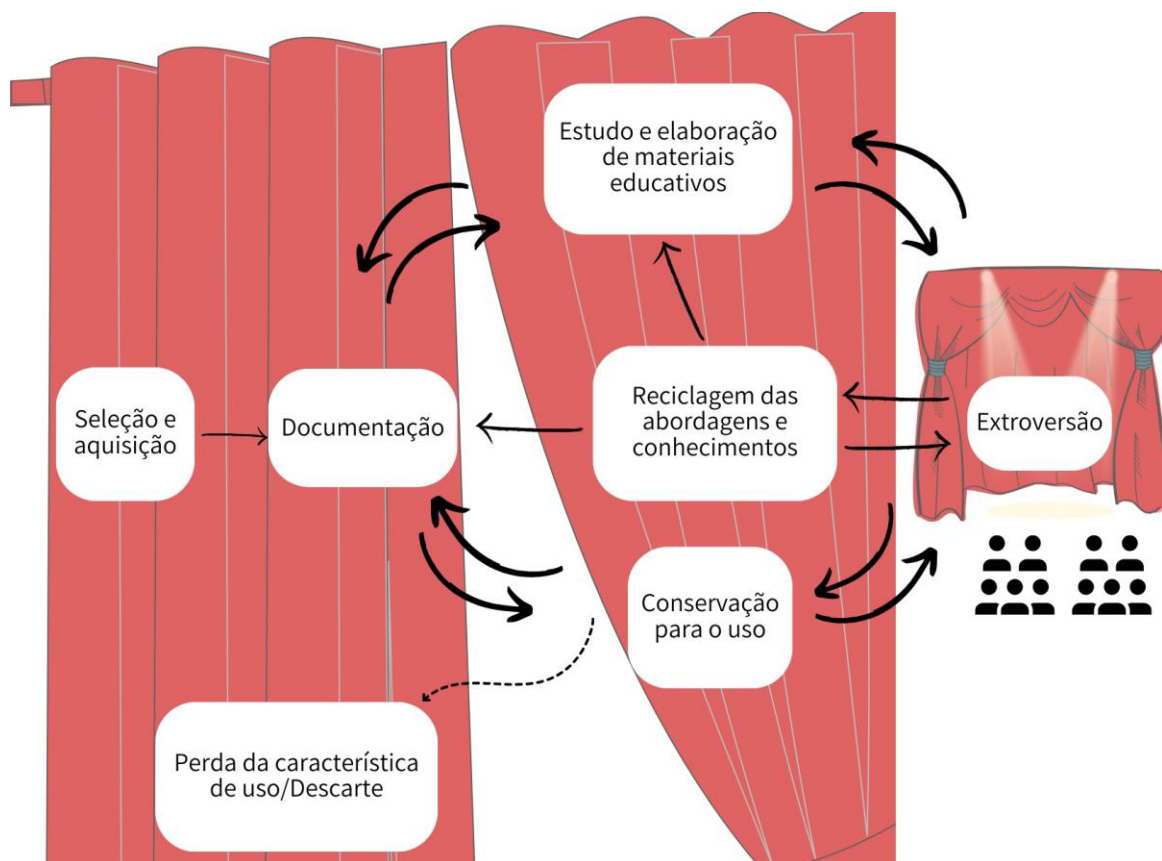
Figura 4 - Equipe da CDES realizando curso de restauro em peças cerâmicas e restaurando itens do acervo da CDES.



Fonte: Acervo das autoras, 2023.

Após todas essas ações buscando amainar as adversidades observadas a partir de um diagnóstico inicial, compreendeu-se que além de uma boa manutenção e documentação das peças é fundamental a funcionalidade deste acervo. Novamente, reforça-se as especificidades de uma coleção didática e seu uso em ações de educação não-formal. Dessa forma, propomos uma musealização voltada para seu uso didático, tendo como principal culminância a extroversão através de ações educativas (figura 5). É importante ressaltar que, por conta desta finalidade, as práticas, pesquisas e abordagens realizadas no processo de musealização são sempre repensadas tendo a extroversão como balizadora destes processos.

Figura 5 - Proposta de esquema com representação do processo de musealização de um acervo didático.



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2023.

É importante salientar que não é comum haver normas de uso e gerenciamento de coleções didáticas em instituições museológicas, justamente pela mesma não ter o chamado valor científico. No entanto, a coleção didática torna-se uma excelente ferramenta para a popularização da ciência, uma vez que possibilita o acesso do público em geral aos acervos museológicos e seus conhecimentos associados. Sendo assim, torna-se relevante a produção de tais procedimentos de gestão deste tipo de acervo.

Entretanto, para que isto se torne um plano efetivo de gestão reconhecido pela instituição museológica, tal coleção didática há de ser valorizada perante a sociedade e a própria instituição. E é neste contexto que a musealização dos acervos atua, fortalecendo, “por trás das cortinas”, o papel pedagógico e social de uma coleção didática.

### Considerações finais

O termo “por trás das cortinas” foi escolhido neste texto para fazer alusão à área de preparo para os espetáculos teatrais, os bastidores e as coxias. São nesses lugares em que há correria, decisões a serem tomadas, troca de roupas, exercícios de preparação, tudo antes do

espetáculo, antes das cortinas se abrirem ao público. Isso porque quando as cortinas se abrem, espera-se que toda essa preparação dê a seus espectadores um momento de excelência, o melhor possível que a equipe pode proporcionar.

Assim, a gestão de um acervo museológico deve estar diretamente interligada à missão da instituição e com isso, dos acervos que a compõem. No caso da Coleção Didática Emília Snethlage, as especificidades deste tipo de acervo foram analisadas e práticas propostas a partir da pesquisa-ação, tendo como recorte de pesquisa as peças de cerâmica.

A partir deste aporte prático e teórico, avaliamos que a política pode parecer o resultado final, mas na realidade, o resultado final é uma compreensão ampla da ética e dos procedimentos, que influencia a forma como o museu funciona. Assim, o processo de criação e implementação de uma política é tão importante e benéfico para o museu quanto a própria política em si (AMERICAN ALLIANCE OF MUSEUMS, 2012).

Gerir e manter uma coleção em boas condições para aplicação de sua finalidade, este é o intento daqueles que mantêm as coleções, e deve ser também nas coleções didáticas. Por isso, há tanto interesse em analisar seu processo de musealização e elaborar propostas de realização da forma adequada.

## **AGRADECIMENTO**

Agradecemos ao Museu Paraense Emílio Goeldi e ao MCTIC/CNPq através do Processo Institucional (444338/2018-7) que concedeu, no âmbito do Programa de Capacitação Institucional, as bolsas de pesquisa as autoras (301239/2023-1; 302055/2023-1; 302058/2023-0).

## REFERÊNCIAS

AMERICAN ALLIANCE OF MUSEUMS. **Alliance reference guide: Developing a collections management policy**. Disponível em: <https://www.aam-us.org/wp-content/uploads/2018/01/developing-a-cmp-final.pdf>. Acesso em: 15 set 2023.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE AMIGOS DO MUSEU CASA DE PORTINARI. **Documentação e conservação de acervos museológicos**: diretrizes. Brodowski: Associação Cultural de Amigos do Museu Casa de Portinari. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010. Disponível em: [https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Documentacao\\_Conservacao\\_Acervos\\_Museologicos.pdf](https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Documentacao_Conservacao_Acervos_Museologicos.pdf) Acesso em: 30 jan 2023.

AUGUSTIN, R. F. G. A gestão de acervos como etapa para a difusão da informação em museus. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 07-22, nov. 2017. Disponível em: <http://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/11/05.2.Artigo01.pdf>. Acesso em: 05 set 2023.

AUGUSTIN, R. F. G., & BARBOSA, C. R. Políticas de gestão de acervos: Possíveis fontes de informação para tomada de decisão nos museus. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 8, n. 1, p. 134–154. Disponível em: <https://doi.org/10.21714/2236-417X2018v8n1>. Acesso em: 03 set 2023.

BACHMANN, Konstanze; RUSHFIELD, Rebecca. Princípios de armazenamento. *In*: MENDES, Marylka et al. (orgs). **Conservação: conceitos e práticas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011. p. 83-93.

BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto; BETANCOURT, Carla Jaimes (orgs.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia**: rumo a uma nova síntese. Belém: IPHAN, Ministério da Cultura, 2016.

BRASIL. **PORTARIA MCTI N. 6.574, DE 22 DE NOVEMBRO DE 2022**. Aprova o Regimento Interno do Museu Paraense Emílio Goeldi. Disponível em: [https://repositorio.mcti.gov.br/bitstream/mctic/4895/3/2022\\_regimento\\_interno\\_mpeg.pdf](https://repositorio.mcti.gov.br/bitstream/mctic/4895/3/2022_regimento_interno_mpeg.pdf) Acesso: 10 set 2023.

CAMARGO-MORO, Fernanda de. **Museus: Aquisição-Documentação**. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1986.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Gestão de Museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento**. 2 ed. Porto Alegre: Mediatriz, 2014.

CAPLE, Chris (ed.). **Preventive Conservation in Museums**. USA/Canada: Routledge, 2011.

CRUZ, Maria das Dores; CORREIA, Virgílio Hipólito. **Normas de inventário - Cerâmica utilitária - Arqueologia**. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2007. Disponível em: <http://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/05/arq-ceramicautilitaria.pdf>. Acesso em: 10 set 2023.

CURY, Marília Xavier. Museu, Filho de Orfeu, e a musealização. In: ICOFOM LAM 99: **Museologia, filosofia e identidade na América Latina e no Caribe**. VII Encontro Regional. 28 nov. a 04 dez 1999, Coro, Venezuela. Documentos de Trabalho. Coro, 1999. p 50-55.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Comitê Internacional de Museus. São Paulo: Pinacoteca, 2013.

FERREIRA, Inês. Objetos mediadores em museus. **Museus e Estudos Interdisciplinares** 4, 2014. pp. 1-15. Disponível em: <https://journals.openedition.org/midas/pdf/676>. Acesso em: 05 de mar. de 2023.

GOHN, Maria da Glória. Cenário geral:educação não formal - o que é e como se localiza no campo da cultura. In: **Educação não formal no campo das Artes**. São Paulo: Cortez, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Cartilha 2013, Gestão de Risco ao Patrimônio Musealizado Brasileiro**. Brasília: Autor, 2013.

KAYE, D. The nature of information. **Library Review**, West Yorkshire, UK, v. 44, n. 8, p. 37-48, dez. 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/00242539510147728>. Acesso em: 03 set 2023.

LIMA, Jéssica Tarine Moitinho; CARVALHO, Ismar de Souza. Research and Educational Geological Collections in Brazil: the Conflict between the Field's Paradigms of Heritage's Conservation and Geology. **Geoheritage**. 2020, p.12-72.

MOTTA, Dilza Fonseca da. **Tesouro de cultura material dos índios no Brasil**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2006.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. **Normas gerais de uso e gerenciamento das coleções científicas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 1999.

PACHECO, C. G.; VALENTIM, M. L. P. Informação e conhecimento como alicerces para a gestão estratégica empresarial: um enfoque nos fluxos e fontes de informação. In: VALENTIM, M. (Org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 319-341. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/j4gkh/pdf/valentim-9788579831171-16.pdf>. Acesso em: 3 set 2023.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

RIBEIRO, Berta. **Dicionário de Artesanato Indígena**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

SECCO, Maria Filomena F. Videira. Coleção Didática de Zoologia para Alunos de 1º e 2º Graus. **Ciências em Museus** 3, 1991. pp. 51-56. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/bitstream/mgoeldi/653/1/Ciencias%20em%20Museus%203%201991%20SECCO.pdf>. Acesso em: 31 jan 2023.

TÉTREAULT, Jean. Materiais de construção, materiais de destruição. In: MENDES, Marylka et al. (orgs). **Conservação: conceitos e práticas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011. p. 139-182.

THE MUSEUMS ASSOCIATION. **The manual of curatorship**. A guide to museum practice. Londres: Butterworth, 1986.

TÍMAR-BALÁZSY, Ágnes; EASTOP, Dinah. Materiais de armazenamento e exposição. *In*: MENDES, Marylka et al. (orgs). **Conservação: conceitos e práticas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011. p. 139-182.

TRIPP, David. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.